

A Biblioteca de Estaline

Um ditador e os seus livros

TRADUÇÃO DE
Frederico Pedreira



Índice

Introdução:

O erudito do Kremlin	9
----------------------	---

1.	Tirano sanguinário e rato de biblioteca	17
2.	A busca da chave dos biógrafos de Estaline	39
3.	Leitura, escrita e revolução	61
4.	A vida e o destino da biblioteca de um ditador	107
5.	Bah, disparates! As <i>pometki</i> de Estaline	153
6.	Engenharia reversa: Estaline e a literatura soviética	267
7.	Editor-chefe da URSS	297

Conclusão:

O ditador que amava livros	327
----------------------------	-----

Leituras suplementares	333
Agradecimentos	337
Notas	341

© 2023, Livros Zigurate e Geoffrey Roberts

Livros Zigurate

Av. 5 de Outubro, 42, 1.º Esq.
1050-057 Lisboa

livroszigurate@zigurate.pt

Facebook: LivrosZigurate
Instagram: livros_zigurate
Twitter: @LivrosZigurate

Título original: *Stalin's Library: A Dictator and His Books*

© 2022 Geoffrey Roberts

Publicado originalmente por Yale University Press

Título: *A Biblioteca de Estaline: Um ditador e os seus livros*

Autor: Geoffrey Roberts

Tradução: Frederico Pedreira

Revisão: GoodSpell

Composição: Pedro Serpa

Capa: Pedro Serpa, a partir de retrato
de Estaline na sua biblioteca, c. 1943

© Universal Images Group / Getty Images

1.ª edição: Março de 2023

ISBN 978-989-53647-5-6

Depósito Legal n.º 511131/23

Tirano sanguinário e rato de biblioteca

Um tirano sanguinário, um político-máquina, uma personalidade paranóica, um burocrata sem piedade e um fanático ideológico. Até certo ponto, Estaline correspondeu a todos estes estereótipos. Mas era também um intelectual que se dedicava incessantemente à leitura, à escrita e à edição — actividades solitárias pontuadas pelas reuniões em que participava e pelos discursos que fazia. Os textos, escritos e falados, eram o seu mundo.

Dada a escala das suas más acções enquanto governante soviético, é natural imaginar Estaline como um monstro, conseguir visualizá-lo a condenar furiosamente os seus adversários, a atraí-los antigos camaradas, a analisar atentamente confissões forçadas, a mandar executar pessoas, a fazer ouvidos moucos a alegações de inocência e a ignorar friamente os colossais custos humanos da sua distopia comunista. Porém, a repulsa moral não serve de substituto para explicar o como e o porquê de Estaline ter sido capaz de fazer aquilo que fez.

Este livro examina Estaline através de uma perspectiva diferente — como um idealista dedicado e um intelectual activista que valorizava as ideias na mesma medida em que valorizava o poder, um homem que não poupava esforços para se educar a si mesmo, uma mente inquieta, lendo sempre em prol da revolução até aos seus últimos dias. Este livro conta a história da criação, fragmentação e parcial ressurreição da sua biblioteca pessoal. Analisa os livros que Estaline leu, a forma como os leu e aquilo que esses livros lhe ensinaram.

Isaac Deutscher, um dos primeiros e mais eminentes biógrafos de Estaline, achava que o seu «socialismo era frio, sóbrio e rude»¹. Uma revelação essencial deste estudo da vida de Estaline enquanto leitor é o poder emocional

que impregnava as suas ideias. Nos livros marcados da biblioteca pessoal de Estaline podemos vislumbrar um pouco daquilo que ele sentia, bem como as ideias a que atribuía uma enorme importância. Não foi uma psicose, mas sim o vigor do sistema pessoal de crenças de Estaline que lhe permitiu iniciar e manter os métodos bárbaros utilizados para modernizar e comunizar a Rússia soviética. Embora Estaline odiasse os inimigos — a burguesia, os culaques, os capitalistas, os imperialistas, os reaccionários, os contra-revolucionários, os traidores —, detestava ainda mais as suas ideias.

Como na definição de intelectual avançada por Al Alvarez, Estaline era uma pessoa para quem as ideias eram emocionalmente importantes². Esta perspectiva da natureza da intelectualidade de Estaline está em harmonia com a ideia de que, embora fosse um «revolucionário do Iluminismo» — um «socialista científico» que acreditava que o socialismo era um objectivo racional a ser assegurado pela razão —, ele era também um romântico do pós-Iluminismo que via o socialismo como uma criação humana que só poderia ser alcançada através da luta, da mobilização e do compromisso pessoal³. Uma vez que ele próprio sentia de forma tão intensa aquilo que estava a tentar alcançar, não surpreende que Estaline considerasse «a mobilização emocionalmente carregada [...] como um instrumento vital para levar a cabo objectivos ultra-racionalistas» e estivesse «profundamente ciente do papel mobilizador das emoções»⁴. Para Estaline, o esforço de construir o socialismo era um projecto profundamente pessoal e voluntarista, e quando os resultados da luta se revelavam decepcionantes, invariavelmente concluía que o problema estava nas pessoas e não na causa propriamente dita. Estaline teria decerto concordado com Fidel Castro quando este comentou que, embora o socialismo tivesse muitos defeitos e falhas, «essas insuficiências não estão no sistema, estão nas pessoas»⁵.

Diz-se por vezes que Estaline era um psicopata que não tinha qualquer empatia pelas vítimas dos seus muitos crimes contra a humanidade. «Uma morte é uma tragédia, um milhão de mortes é uma estatística» é uma afirmação

apócrifa que muitas vezes lhe é atribuída. Nela está condensada a ideia de que, enquanto intelectual, ele era capaz de racionalizar e abstrair a sua própria pessoa do seu terrível regime. Na verdade, Estaline tinha um elevado grau de inteligência emocional. Aquilo que lhe faltava era compaixão ou piedade para com aqueles que considerava serem inimigos da revolução. Dir-se-ia até que ele tinha demasiada empatia humana e que a usava para imaginar o pior nas pessoas, inventando um sem-número de actos fictícios de traição e de perfídia — um ingrediente crucial da Grande Purga que varreu a sociedade soviética na década de 1930, abarcando milhões de vítimas inocentes que foram detidas, encarceradas, deportadas ou assassinadas por crimes políticos. Seguiram-se muitos terrores de menores proporções que culminaram no grotesco Conluio dos Médicos, no início da década de 1950, quando um grande número de médicos, muitos deles judeus, foram presos por alegadamente conspirarem para assassinar líderes soviéticos. Entre aqueles que foram arrastados pelas últimas vagas de detenções injustificadas estavam o seu secretário pessoal de longa data, Alexander Poskrebyshev, e o oficial destacado para a sua segurança pessoal, o general Nikolai Vlasik, o antigo tutor dos seus filhos mais novos⁶.

À semelhança de muitos políticos e figuras públicas, Estaline foi um indivíduo construído de fora para dentro; uma personalidade politicamente motivada, alguém cuja vida mental interior era moldada pela sua *persona* pública e pelo universo ideológico que escolheu habitar. Estaline assemelhava-se a um actor adepto do Method Acting capaz de interiorizar muitos papéis, numa representação que conseguiu levar a cabo ao longo de uma vida inteira.

Esta interiorização dos seus vários eus políticos teve início num interesse temporário de juventude pelo nacionalismo e pelo populismo, que por sua vez resultou numa veia romântica persistente no seu temperamento pessoal. Depois, enquanto agitador e propagandista bolchevique calejado, reinventou-se enquanto *intelligent* e *praktik*, empenhado em iluminar e organizar as massas⁷. A experiência das agitações revolucionárias de 1905 e 1917 habituou-o à violência política. Mas foi a Guerra

Civil Russa, durante a qual implementou as medidas mais severas de repressão bolchevique, que o preparou para as perdas humanas em grande escala e marcou a sua transição de revolucionário romântico para um implacável praticante da *realpolitik*. Nomeado secretário-geral do partido em Abril de 1922, Estaline veio a posicionar-se como administrador consumado de um aparelho do Estado soviético que ele próprio ajudou a criar e a servir.

O regime soviético era acima de tudo burocrata, e aquilo que Estaline mais lia era a miríade de documentos que lhe passavam todos os dias pela secretária. Porém, arranjava sempre tempo para a sua colecção pessoal de livros, panfletos e periódicos. Nos documentos, garatujava decisões e directivas de actuação. Os seus interesses e sentimentos mais íntimos estavam reservados para as *pometki* — as anotações e os sinais que fazia nos muitos livros da biblioteca. Estaline era rápido a julgar os autores, mas respeitava os seus livros. Isso era algo que se notava no cuidado com que os assinalava e anotava, até mesmo no que dizia respeito aos livros dos inimigos. Estaline raramente lia apenas para confirmar aquilo que já sabia ou em que acreditava. Lia para aprender coisas novas. Os assuntos do Estado abreviavam e interrompiam a sua vida de leitor, mas não chegavam a restringi-la por completo. Mesmo no meio das mais profundas crises nacionais e internacionais, era possível encontrá-lo a ler, a anotar e muitas vezes a editar este ou aquele livro.

Ler em prol da revolução

Estaline aprendeu a ler e a tomar notas na escola e num seminário, mas foi nas livrarias radicais da capital georgiana, Tbilisi, que descobriu a sua verdadeira vocação. Os livros converteram-no ao socialismo e conduziram-no rumo à clandestinidade revolucionária da Rússia czarista. Estaline acreditava no poder transformativo das ideias, isto pela simples razão de que, se ler lhe tinha mudado radicalmente a vida, então poderia também mudar as vidas de outras pessoas.

Estaline foi um leitor voraz desde muito jovem. Enquanto jovem activista político e aspirante a intelectual, as suas leituras centravam-se naturalmente em publicações de esquerda, especialmente os escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, e também de Vladimir Lenine, o líder da facção bolchevique de Estaline no Partido Operário Social-Democrata Russo. Mas também devorava os clássicos da ficção russa e ocidental — Tolstói, Dostoiévski, Gógol, Tchékhov, Shakespeare, Cervantes, Schiller, Heine, Hugo, Thackeray e Balzac⁸.

Após a morte de Lenine, em 1924, uma grande parte das leituras de Estaline passou a concentrar-se nos escritos dos seus rivais na luta para suceder ao fundador do Estado soviético: pessoas como Leon Trótski, Grigory Zinoviev, Lev Kamenev e Nikolai Bukharin. Na década de 1930, a atenção de Estaline transferiu-se para a literatura soviética — para os escritos pós-revolucionários de Máximo Górkí, Alexander Fadeyev, Aleksei Tolstói, Ilya Ehrenburg, Isaac Babel e Mikhail Sholokhov.

Outra das preocupações de Estaline era a história dos movimentos revolucionários à escala internacional. Em 1919, os bolcheviques fundaram a Internacional Comunista para fomentar a revolução global. Estaline gostava de dar conselhos estratégicos e tácticos a comunistas estrangeiros de visita e orgulhava-se do conhecimento que tinha de outros países, uma grande parte do qual extraía dos livros.

A estratégia militar foi um interesse persistente. Durante a Guerra Civil Russa, Estaline serviu na frente de combate como comissário bolchevique, o que significa que controlava a tomada de decisões militares, bem como políticas, nas suas esferas de actuação. Mais tarde, veio a coligir e a ler as obras dos mais notáveis teóricos da estratégia alemães, franceses, russos e soviéticos. Não surpreende que este interesse se tenha tornado primordial durante a Segunda Grande Guerra, altura em que ele se tornou o comandante supremo da União Soviética. Estaline estava particularmente atento às experiências dos seus predecessores czaristas enquanto *generalissimo*, Alexander Suvorov e Mikhail Kutuzov, cujos retratos permaneceram pendurados no seu gabinete durante a guerra. Outros

aspectos da história russa não deixaram também de fascinar Estaline, em particular as comparações entre o seu regime e o de Ivan, *o Terrível*, e de Pedro, *o Grande*. Estaline sentia-se também cativado pela história da Antiguidade, especialmente pela ascensão e pela queda do Império Romano.

Dedicava um tempo considerável a leituras sobre ciência, linguística, filosofia e economia política. Após a Segunda Guerra Mundial, fez uma série de intervenções notáveis em debates sobre genética, economia socialista e teoria linguística. A mais notória destas intervenções foi o seu apoio a Trofim Lysenko, um botanista soviético que defendia que a herança genética podia ser influenciada por mecanismos de controlo ambiental. Em privado, porém, Estaline ridicularizou a opinião de Lysenko de que cada ciência tinha um «carácter de classe», tendo escrito o seguinte num relatório da autoria de Lysenko: «Ah, ah, ah... E a matemática? E o darwinismo?»⁹

A dádiva dos livros

Quando os dois filhos mais novos de Estaline — Vasily e Artem Sergeev, este último adoptivo — deixaram que as páginas de um manual escolar de história, já muito velho e mal encadernado, se desfizessem ao sabor do vento, ele agarrou-os pelos colarinhos e disse que o manual continha milhares de anos de história — todo um conhecimento que havia sido coligido e acumulado à custa de muito sangue derramado, material em que os cientistas e os historiadores de então haviam passado décadas a trabalhar. Depois de ter insistido para que Vasily e Artem colassem novamente as páginas do livro, Estaline disse-lhes: «Fizeram o que está certo. Agora já sabem como tratar os livros.»¹⁰

Quando Artem tinha sete anos, Estaline ofereceu-lhe um exemplar de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, e, quando fez oito anos, deu-lhe *O Livro da Selva*, de Rudyard Kipling¹¹. No livro de Defoe, Estaline escreveu: «Para o meu amiguinho Tomik, com o desejo de que ele cresça e venha a tornar-se um bolchevique consciencioso, firme e intrépido.»¹²

Vasily estava destinado a servir na Força Aérea, e, no seu 13.º aniversário, em Março de 1934, Estaline ofereceu-lhe uma tradução em russo de *Air War 1936* — um livro de fantasia acerca de um futuro conflito entre a Grã-Bretanha e França, da autoria de «Major Helders», que era o pseudónimo do aviador alemão Robert Knauss¹³.

O jovem Vasily não era o mais diligente dos alunos, preferindo o desporto ao estudo. Em Junho de 1938, Estaline escreveu uma carta contundente a um dos seus professores. Vasily era um «jovem mimado com capacidades medianas», escreveu Estaline, que «nem sempre era de confiança» e adorava «chantagear» «líderes» fracos, embora ele próprio fosse uma pessoa fraca. O jovem gostava também de fazer lembrar às pessoas de quem era filho. Estaline aconselhava o professor a ter mão no rapaz e a não tolerar mais asneiras da parte dele¹⁴.

Estaline ofereceu também a Vasily um livro cuja redacção ele próprio supervisionou, concebeu e editou, o canónico *Breve Curso da História do Partido Comunista da União Soviética* (1938) — um livro que foi lido e estudado por dezenas de milhões de cidadãos soviéticos¹⁵. Vasily leu este livro de forma bastante exaustiva, tendo sublinhado parágrafos em praticamente todas as páginas com lápis de diferentes cores¹⁶. Os seus esforços compensaram quando foi aprovado com distinção num exame estatal em 1939¹⁷.

Svetlana, a filha de Estaline, era mais estudiosa. Em 1937, ele ofereceu à menina, então com 11 anos, um manual escolar sobre a história da URSS e, em 1938, um exemplar do seu próprio *Breve Curso*. O pai «ordenara» que o lesse, recorda-se Svetlana, uma vez que «ele queria que eu fizesse um estudo sobre a história do partido — a versão dele». Ao contrário do irmão, ela nunca se decidira a ler o livro — «aborrecia-me tanto» —, e quando Estaline descobriu isto «ficou muito zangado»¹⁸. Porém, na sua colecção pessoal estavam incluídos outros livros que ela chegou efectivamente a ler, como *Materialismo e Empiriocrítica*, de Lenine, e *Em Torno dos Problemas do Leninismo*, de Estaline¹⁹.

Cultura livresca bolchevique

Os presentes de Estaline para os filhos, bem como as admoestações feitas a Vasily e a Artem para que estes tratassem os livros com cuidado, exprimiam a cultura política bolchevique baseada na palavra impressa e a sua valorização dos textos escritos. Longe de ter sido um ditador que gostava de mandar queimar livros, Estaline teria simpatizado com a resposta de Victor Hugo aos *Communards*, que pegaram fogo à biblioteca do Louvre em 1871:

Já se esqueceram de que o vosso libertador
É o livro? O livro está além, lá no alto;
Refulge; porque brilha e ilumina,
Destroí o cadafalso, a guerra e a fome;
Diz: Acabaram-se os escravos e os párias.²⁰

Para usar as palavras de Katerina Clark, Estaline e os soviéticos tinham uma «extraordinária reverência pelo livro, que funcionava como objecto de culto numa fé secular»²¹. Sob a tutela de Estaline, Moscovo ambicionava tornar-se uma Roma socialista, um centro radical da cultura mundial baseado essencialmente, embora não de forma exclusiva, na palavra impressa.

Depois de os bolcheviques terem tomado o poder na Rússia em 1917, uma das suas primeiras medidas foi nacionalizar a indústria editorial. Para os bolcheviques, as palavras eram as expressões de ideias que, aliadas à acção radical, poderiam tornar-se uma força material capaz de transformar não só as sociedades, mas também a própria natureza humana. Sob o comando de Estaline, os escritores soviéticos foram incumbidos de ajudar a moldar os pensamentos e os sentimentos dos novos homens e mulheres soviéticos que estavam a construir o socialismo e o comunismo. «Para construir o socialismo, precisamos de engenheiros civis, electrotécnicos e mecânicos», terá dito Estaline em Agosto de 1934, aquando da reunião de alguns escritores soviéticos num congresso nacional. «Precisamos deles para construir casas, automóveis e tractores. Mas não menos importante é a nossa necessidade de enge-

nheiros da alma humana, engenheiros-escretores que edifiquem o espírito humano.»²²

Segundo Lenine, o comunismo era «poder soviético mais a electrificação do país inteiro», ou seja, a democracia popular e a industrialização avançada. Mas havia também um terceiro elemento fulcral: a literacia e a educação cultural em massa. Como disse Lenine, «uma pessoa iletrada fica de fora da política, e primeiro tem de aprender o alfabeto. Sem isto, não poderá haver política»²³.

O regime soviético considerava a leitura e a escrita como meios para alcançar uma auto-emancipação colectiva e individual face tanto à ideologia burguesa quanto ao atraso cultural, e depois para obter uma consciência comunista mais elevada. Os líderes e activistas bolcheviques não estavam isentos desta revolução da mente. A criação de uma nova consciência que estivesse em sintonia com a cultura colectivista do sistema socialista soviético constituía também a sua missão pessoal. No poder, os bolcheviques continuaram empenhados na revolução permanente da leitura, da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal. Acreditavam que, num regime socialista, as pessoas deveriam ler muito, e que viriam a ler mais ainda à medida que a sociedade progredisse para o comunismo²⁴.

As bibliotecas públicas seriam de uma importância crucial para a realização da visão de Lenine. O dirigente projectou uma vasta rede de dezenas de milhares de bibliotecas, salas de leitura e bibliotecas itinerantes que fariam com que houvesse livros e literatura revolucionária à distância de uma caminhada de dez minutos a partir da casa de cada pessoa. Foram emitidos decretos para criar um serviço de bibliotecas públicas segundo princípios «suíço-americanos»: acesso fácil e gratuito a prateleiras de livros, empréstimos interbibliotecas, horários de funcionamento prolongados e recursos de empréstimo simples. As bibliotecas privadas foram nacionalizadas e expropriaram-se importantes colecções de livros que pertenciam a pessoas singulares. Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazis destruíram ou pilharam quatro mil bibliotecas soviéticas, mas ao tempo do final da guerra existiam ainda 80 mil dessas bibliotecas na URSS, das quais 1500 só em Moscovo.

Para satisfazer a procura, as bibliotecas públicas soviéticas solicitaram a impressão de pelo menos cem mil exemplares de todos os livros populares²⁵.

No saque que o Exército Vermelho fez à Alemanha no final da guerra contavam-se 13 vagões ferroviários cheios de livros para a Universidade de Moscovo, mais 760 mil volumes destinados ao principal depósito do Estado, a Biblioteca Lenine. Em 1948, mais de 2,5 milhões de «livros-troféu» tinham sido já reclamados ou colocados em exibição por 279 instituições culturais distintas de Moscovo²⁶.

Lenine preferia que as pessoas tivessem acesso aos livros e os lessem no ambiente controlado e social de uma biblioteca pública, ao invés de irem acumulando para o efeito uma colecção pessoal. No entanto, essa preferência não se aplicava aos membros do partido bolchevique, que eram encorajados a coleccionar, ler e conservar na sua posse os escritos autorizados de Lenine e de outros líderes soviéticos.

Os bolcheviques estavam profundamente conscientes de que as palavras poderiam ser usadas com igual eficácia tanto para subverter o sistema soviético como para fortalecê-lo. A censura foi abolida quando tomaram o poder, mas acabou por ser reintroduzida em 1922²⁷. À medida que o regime se foi tornando progressivamente mais autoritário, criou-se um elaborado sistema de censura para controlar o que era produzido pelos jornais, pelas revistas, pelas editoras e pelas tipografias. Os comunistas não podiam controlar facilmente aquilo que os cidadãos soviéticos pensavam, diziam ou escreviam, mas podiam controlar de forma eficaz aquilo que liam. No seu auge, o *Glavlit*, o organismo de censura soviético, contava com muitos milhares de funcionários distribuídos por repartições em todo o país. Não é coincidência que o sistema comunista se tenha desmoronado no final da década de 1980, quando Mikhail Gorbachev introduziu a política do *glasnost* e libertou o discurso político soviético da censura. A revolução intelectual de Gorbachev — o poder das palavras por ele libertado — teria horrorizado (mas não surpreendido) Estaline.

Também as bibliotecas públicas estavam sujeitas à censura. Desde os primeiros tempos no poder, o regime bolchevique enviava circulares (informalmente conhecidas como *Talmude*) aos bibliotecários, dando-lhes instruções a respeito dos livros que deveriam retirar das estantes. Era a mulher de Lenine, Nadezhda Krupskaya, que estava incumbida da purga das bibliotecas durante os primeiros anos. Uma das directivas do partido dava instruções às bibliotecas para retirar das estantes não só livros contra-revolucionários, mas também material pró-soviético que articulava um conjunto de orientações políticas entretanto já desactualizadas do período revolucionário e da guerra civil. «Já em 1923, a Rússia soviética estava a renegar o seu passado utópico», observou Peter Kenez²⁸. Em 1925, a repartição de censura da região de Leninegrado banuiu 448 livros por razões políticas e ideológicas. Desses livros, 255 tinham sido publicados por editoras privadas, então ainda activas²⁹.

Krupskaya tanto prescrevia como proscovia livros, fazendo circular pelas bibliotecas listas de recomendações para o consumo em massa, especialmente de literatura infantil. Os bolcheviques estavam particularmente interessados em fazer com que as massas lessem os clássicos de ficção. Em 1918, estabeleceram uma «Biblioteca Popular», composta por edições em massa de livros que deveriam circular sem quaisquer custos. No mesmo ano, adoptaram a proposta do escritor Máximo Górkí no sentido de traduzir para russo os clássicos da literatura mundial. Górkí projectou milhares de tais traduções, uma ambição que teve o prosaico entrave da escassez de papel durante a Guerra Civil Russa³⁰.

A década de 1930 assistiu a sucessivas purgas nos catálogos das bibliotecas. Em 1938-39, «foram retirados das bibliotecas e do circuito do comércio livreiro 16 453 títulos e 24 138 799 exemplares de obras impressas»³¹. Em certas ocasiões, a censura local foi levada a um tal extremo que teve de ser refreada. No ano de 1933, a liderança do partido condenou «a prática generalizada de se organizarem ‘arquivos fechados’ em bibliotecas», que havia levado a que significativas reservas de livros fossem retiradas de

circulação. Decretou-se que só seria possível retirar livros das bibliotecas de acordo com ordens expressas nesse sentido da parte do Comité Central. Em 1935, o Comité Central aprovou uma resolução que restringia a «purga maciça de bibliotecas e a supressão indiscriminada de livros» que estava a «despojar e a deteriorar os recursos bibliotecários». Também se deram instruções para que se conservassem dois exemplares de cada livro suprimido nas «coleções especiais» de uma série de bibliotecas centrais, instituições académicas e órgãos superiores do partido³².

A biblioteca de Estaline

O seu estilo de vida peripatético enquanto revolucionário clandestino levou a que Estaline só tenha começado a coleccionar livros e a construir uma biblioteca pessoal permanente após a revolução de 1917. Porém, a sua colecção cresceu rapidamente até ascender a muitos milhares de tomos.

Tinha um selo ex-libris que identificava os livros que lhe pertenciam, mas a biblioteca era mais um conceito do que uma realidade material. Nunca se tornou um edifício específico, nem nunca teve uma localização única, como facilmente poderia ter acontecido. Estaline adorava os livros pelas ideias e pela informação que estes continham. Não os coleccionava por uma questão de lucro, de estética ou enquanto monumento consagrado à sua imagem de culto como homem renascentista moderno. A biblioteca era um arquivo com vida própria e o acervo estava espalhado por vários espaços domésticos e de trabalho. Tal como Paul Lafargue disse a respeito de Marx, para Estaline os livros eram ferramentas da mente, não artigos de luxo.

Estaline não estava sozinho neste intento. Todos os líderes bolcheviques de topo — Lenine, Trótski, Kamenev, Zinoviev e Bukharin — coleccionavam livros. A biblioteca do marechal Georgy Zhukov continha alegadamente 20 mil livros, ao passo que a vasta colecção do comissário de Defesa de Estaline, Kliment Voroshilov, foi destruída quando a sua dacha ardeu após a Segunda Guerra Mundial³³.

A colecção de Estaline não corria grande risco, dado o nível de segurança e de vigilância que o cercava e aos seus livros. Durante a Segunda Guerra Mundial, à medida que os exércitos de Hitler se aproximavam de Moscovo, a sua biblioteca foi encaixotada e expedida para Kuibyshev (Samara), no sudeste da Rússia, para onde se transferiram vários serviços governamentais, por se prever a queda da capital às mãos da Wehrmacht.

Svetlana foi também enviada para Kuibyshev, mas regressou a Moscovo no Verão de 1942, recordando que o apartamento de Estaline estava «vazio e deprimente. A biblioteca do meu pai estava em Kuibyshev e as estantes na sala de jantar estavam vazias»³⁴.

Na década de 1990, a autora Rachel Polonsky encontrou por acaso as sobras da biblioteca do mais destacado representante de Estaline, o seu primeiro-ministro e comissário dos Negócios Estrangeiros de longa data, Vyacheslav Molotov. Os livros estavam armazenados no antigo apartamento de Molotov, situado mesmo do outro lado da estrada em frente ao Kremlin. De acordo com uma emblemática história da Moscovo pós-comunista, o requintado apartamento havia sido arrendado pelo neto de Molotov a um banqueiro de investimentos americano que era vizinho de Polonsky³⁵. Da colecção de Molotov restavam apenas umas poucas centenas de livros, mas o catálogo da biblioteca, que sobrevivera aos anos, indicava-lhe que a colecção chegara a incluir outrora dez mil livros.

Polonsky ficou surpreendida com o eclectismo e com a amplitude cultural dos livros de Molotov. Havia naturalmente vários textos de Marx, a par de memórias de guerra soviéticas, livros sobre economia e agricultura (uma preocupação para Molotov quando fora primeiro-ministro), a *Grande Enciclopédia Soviética*, o *Breve Curso da História do Partido Comunista da União Soviética* e uma tradução para russo de *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, de Winston Churchill. Livros acerca da história russa e a correspondência do czar Nicolau II partilhavam espaço nas prateleiras com uma biografia de Edgar Allan Poe e com *A Decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler. Lado a lado com os clássicos da literatura e da correspondência

russas encontravam-se obras de Joseph Conrad, George Bernard Shaw, H. G. Wells e Anatole France, bem como *A Morte de Artur*, de Thomas Malory, e uma edição ilustrada da *Divina Comédia* de Dante³⁶. A biblioteca de Estaline era igualmente variada e tinha mais do dobro do tamanho da biblioteca de Molotov.

Embora Molotov tenha sobrevivido muitos anos a Estaline, tendo falecido com 96 anos em 1986, o facto é que permaneceu em funções durante pouco mais de quatro anos após a morte do antigo chefe. Em 1957, saiu derrotado de uma dura luta pelo poder contra o sucessor de Estaline como líder do partido, Nikita Krushev. Afastado da liderança, Molotov foi despromovido ao cargo de embaixador na República Popular da Mongólia³⁷.

Um dos pontos controversos na disputa entre Molotov e Krushev prendia-se com o legado histórico de Estaline. Embora reconhecesse que Estaline tinha cometido muitos erros, Molotov defendia também o papel construtivo que o líder desempenhara na edificação do socialismo na URSS. Por outro lado, Krushev queria censurar Estaline e o culto da sua personalidade por inteiro, e foi precisamente o que fez numa sessão à porta fechada do 20.º congresso do Partido Comunista Soviético, em Fevereiro de 1956.

O chamado discurso secreto de Krushev selou o destino da biblioteca pessoal do ditador. O plano de transformar a dacha de Estaline em Moscovo num museu consagrado à sua vida foi posto de parte, e a maior parte dos seus livros acabou por ser espalhada por várias bibliotecas. Porém, os arquivistas e os bibliotecários recuperaram e conservaram algumas importantes sobras da biblioteca, uns notáveis 400 itens que Estaline havia lido, assinalado e anotado. Preservaram-se igualmente vários milhares de outros livros cuja identificação garantia a pertença à sua biblioteca. Redescobertas em tempos pós-soviéticos, estas sobras vieram a ser consideradas um repositório dos vestígios dos pensamentos mais profundos e íntimos de Estaline.

A forma inesperada como Jonathan Brent se deparou com os livros que sobreviveram da biblioteca de Estaline, no início da década de 2000, tocou as raias do religioso. Edi-

tor da Yale University Press, Brent encontrava-se em Moscovo a negociar a criação do Arquivo Digital de Estaline da Universidade de Yale (SDA), que ia conter imagens de todos os documentos incluídos no fundo arquivístico pessoal do ditador, ou *lichnyi fond*, conforme a designação em russo. Os livros anotados iam ser um dos segmentos do conjunto, e nesse sentido foram-lhe apresentados alguns espécimes:

Ninguém estava preparado para aquilo que encontramos. [...] Ver aquelas obras na sua biblioteca é, de certo modo, ser-se confrontado com o próprio Estaline. Ver as palavras que os seus olhos viram. Tocar nas páginas que ele cheirou e em que tocou. As marcas que deixou nessas páginas traçam as marcas que deixou na nação russa. [...] Não há uma única obra por mim examinada que não tenha sido lida *por ele*. Não há uma única obra que não tenha sido copiosamente anotada, sublinhada, contestada, apreciada, desdenhada, estudada. [...] Vemo-lo a pensar, a reagir, a imaginar *em privado*. [Ênfases do original.]³⁸

Na década de 2010, altura em que comecei a examinar os livros da biblioteca de Estaline (toda a colecção, não apenas uma amostra), tinha já viajado anualmente para Moscovo desde 1996 para realizar investigações nos arquivos russos. Já vira centenas de documentos redigidos, editados ou anotados por Estaline. Há muito que passara o efeito da novidade de tentar decifrar os rabiscos muitas vezes ilegíveis do ditador. Interessavam-me pormenores concretos e particularidades, não generalidades. O que é que as *pometki* de Estaline significavam verdadeiramente, e o que nos poderiam elas dizer acerca dos cambiantes e da substância do seu pensamento privado?

Porém, Brent tinha razão no que dizia. À parte algumas fotografias privadas e certas cartas escritas de forma apressada e muitas vezes em tom rotineiro dirigidas a familiares, os livros da biblioteca de Estaline contam-se entre os melhores meios para se ter acesso à vida interior do ditador³⁹.

No *lichnyi fond* de Estaline, encontram-se muitos milhares de arquivos com dezenas de milhares de documentos

— memorandos, relatórios, rascunhos, registos de conversas, notas escritas à mão. Por mais inestimável que seja o valor destes arquivos para os historiadores, a verdade é que os mesmos constituem os documentos oficiais de Estaline, e não os seus documentos privados. Somente na sua biblioteca pessoal, na forma como ele leu, assinalou e anotou os seus livros, é que conseguimos chegar verdadeiramente perto do Estaline espontâneo — o intelectual imerso nos seus próprios pensamentos.

A paranóia é política

Desde a descoberta nos arquivos do que resta da sua biblioteca pessoal, foram muitas as pessoas que pesquisaram o acervo na esperança de vislumbrarem a verdadeira natureza de Estaline — a chave para a personalidade que fez do seu regime algo de tão monstruoso. Porém, e embora os livros de Estaline revelem, de facto, pensamentos e sentimentos privados, a chave para se compreender a sua capacidade para sancionar o assassinio em massa está escondida à vista de todos: a política e a ideologia de uma implacável luta de classes em defesa da revolução e da procura de uma utopia comunista.

A paranóia de Estaline, frequentemente referida, era de natureza política, não pessoal; reflectia o facto de que o apoio popular aos bolcheviques no período pós-1917 era muitas vezes pouco sólido, ao passo que, ao nível internacional, o Estado soviético permanecia isolado e vulnerável a um renovado ataque por parte da grandiosa coligação de potências capitalistas que tinham já procurado derrubá-lo durante a Guerra Civil Russa. Como formulou Stephen Kotkin, «[o]s problemas da revolução evidenciaram a paranóia em Estaline, e Estaline evidenciou paranóia inerente à revolução»⁴⁰.

Para além dos seus escritos sobre o nacionalismo, a principal contribuição de Estaline para a evolução da teoria política marxista foi a propagação do ponto de vista segundo o qual, sob a égide do socialismo, a luta de classes se intensificava — uma ideia que derivava dos escritos de Lenine

produzidos durante a guerra civil. Quanto mais forte se tornava a União Soviética, dizia Estaline, mais desesperados ficavam os capitalistas para esmagar o sistema socialista através de uma combinação de força externa e de subversão interna. Não deixa de ser significativo que, a partir do momento em que este conceito desapareceu do léxico político soviético após a morte de Estaline, se tenha dado rapidamente uma transição da URSS para um autoritarismo mais brando e muito menos violento.

Estaline era demasiado inteligente e consciente de si mesmo para acreditar nos panegíricos do culto da sua própria personalidade. É conhecida a forma como censurou Vasily por este se servir do apelido: «Tu não és Estaline e eu não sou Estaline. Estaline é o poder soviético. Estaline é o que ele é nos jornais e nos retratos, não és tu, nem sequer eu!»⁴¹ Ainda assim, não restam dúvidas de que se via como um grande intelectual e como legítimo herdeiro de Lenine enquanto chefe de Estado, líder do partido e guardião da ortodoxia marxista — «o Lenine dos dias de hoje», conforme dizia um *slogan* de culto. Não havia nenhum outro autor cujos livros ele lesse de forma tão assídua e com tamanha admiração. «Lenine é o nosso professor», afirmou Estaline com orgulho a Harold Stassen, político republicano dos Estados Unidos, em 1947⁴².

A biblioteca pessoal do ditador oferece-nos muitos pontos de vista fascinantes a respeito do seu pensamento privado, mas, mais do que tudo, revela-nos alguém cuja vida mental interior foi moldada pela sua figura pública e pelo universo ideológico que habitava. A vista da sua biblioteca é a de uma janela interior que dá para o exterior. Ao acompanharmos a forma como Estaline lia livros, é-nos possível vislumbrar o mundo através dos seus olhos. Talvez não consigamos espreitar para dentro da sua alma, mas é-nos dada a possibilidade de usar os seus óculos.

Estaline era um fanático que não tinha dúvidas secretas. «O mais importante é o conhecimento do marxismo», escreveu ele na margem de um obscuro periódico de teoria militar na década de 1940⁴³. E falava a sério: nos milhares e milhares de páginas anotadas da sua biblioteca, não há uma única pista de que Estaline tivesse algum

tipo de reservas quanto à causa comunista. A energia e o entusiasmo que despendia ao anotar aspectos arcanos da filosofia e da economia marxistas são provas eloquentes — e por vezes desconcertantes — da sua crença de que o comunismo era o caminho, a verdade e o futuro.

Embora fosse indubitavelmente um marxista muito dogmático, Estaline não era um prisioneiro cego da sua ideologia. Era capaz de ver e ir mais além do sistema marxista para se inteirar de uma ampla variedade de autores e de pontos de vista. A veemência com que encarava os seus adversários políticos nunca o impediu de prestar uma minuciosa atenção àquilo que eles escreviam.

CAPÍTULO 2

A busca da chave dos biógrafos de Estaline

Estaline não tinha diários, não escreveu livros de memórias e pouco interesse mostrou pela sua história pessoal, mas deu-se a grandes trabalhos para moldar tanto a sua biografia como o rastro documental que viria a ser seguido pelos seus biógrafos¹.

«É difícil descrever o processo», disse Estaline a Jerome Davis, um visitante americano seu admirador, em 1926, quando este lhe perguntou como se tinha tornado bolchevique. «Primeiro, uma pessoa convence-se de que as condições existentes são erradas e injustas. Depois, decide-se a fazer o melhor que está ao seu alcance para remediá-las. Sob o regime do czar, qualquer tentativa de ajudar verdadeiramente o povo colocava uma pessoa imediatamente fora dos limites da lei; enquanto revolucionária, a pessoa achava-se perseguida e alvo de caça.»²

Emil Ludwig, um escritor alemão responsável por muitas biografias de pessoas famosas, dirigiu uma questão semelhante a Estaline em 1931. Recebeu uma resposta igualmente lacónica e pouco esclarecedora:

Ludwig: O que o incitou a tornar-se um rebelde? Terá sido, talvez, porque os seus pais o trataram mal?

Estaline: Não. Os meus pais eram pessoas sem instrução, mas não me trataram mal, longe disso. No seminário em que andei, as coisas foram diferentes. Em sinal de protesto contra o regime humilhante e os métodos jesuíticos que ali prevaleciam, eu estava pronto para me tornar, como mais tarde acabei por me tornar, um revolucionário, um defensor do marxismo enquanto única doutrina genuinamente revolucionária.³